

# Sandálias rasteiras são tradição em Maria Ortiz

FOTOS: FÁBIO NUÑES/AT

Artesão do bairro cria os modelos há 20 anos. O sucesso do verão são as gladiadoras, que podem ser encontradas em feiras

Uma das tradições do bairro Maria Ortiz, em Vitória, são as sandálias rasteiras em couro, feitas artesanalmente há 20 anos por José Clímaco, 59, mais conhecido como "Zé Pato".

As sandálias e chinelos do artesão podem ser encontradas em feiras como a da Praça dos Namorados, na Praia do Canto, nos fins de semana, e a de Jardim da Penha, no sábado pela manhã.

Ele também recebe encomendas em sua sapataria no bairro, com numeração que vai do infantil, 17, até o 43.

"Também voltei a trabalhar com consertos e reforma de todos os tipos de calçados", comentou.

Se durante o fim de semana, ele e a esposa passam o dia vendendo as sandálias em feiras, nos outros dias ele começa a fabricação às 5h30 e vai até as 21 horas, em um processo demorado e cheio de etapas, em que ele pinta o couro, corta a sola, as tiras, cola e faz o acabamento.

Tudo para garantir um trabalho que agrade ao público masculino e feminino.

"Tenho vários modelos, de chinelos a sandálias rasteiras. O modelo mais novo é a sandália gladiadora, que está em alta nesse verão", afirmou.

Clímaco destacou que alguns modelos ele adaptou de reportagens de **A Tribuna** e têm feito sucesso nas ruas.

"Comecei a aprender o ofício aos 14 anos, quando morava em Itaguaçu. Passei dois anos sem receber um tostão para trabalhar, pois naquela época era importante aprender o ofício. Por isso, hoje ninguém se interessa em ser sapateiro e a profissão vai acabar um dia", acredita.



## URNA

A urna do projeto **A Tribuna com Você** está na Banca do Nei, na avenida Professor Fernandes Duarte Rabelo, ao lado da Polícia Interativa, para que os moradores de Maria Ortiz, Vitória, depositem por escrito suas reivindicações e dicas de reportagens.

Depois que se mudou para Vitória, aos 16 anos, ele disse que já fez um pouco de tudo.

"Trabalhei como empregado em sapatarias, como carregador de terra para aterrar bairros como Cobilândia e de vigia. Só quando cheguei a Maria Ortiz, há 34 anos, foi que montei minha própria sapataria", explicou.

Há 20 anos, ele lembra que não havia muito movimento no ponto e, para aumentar o rendimento, resolveu fabricar as próprias sandálias de couro.

"São artesanais e a época de verão é a que mais vende, principalmente para os turistas. Só na Praça dos Namorados tenho barraca há 10 anos e, se faltei dois dias, foi muito", destacou.

Segundo ele, o valor das sandálias varia de R\$ 12,00 a R\$ 25,00. Pato chega a produzir até 115 pares por semana.

Muito orgulhoso da profissão escolhida, ele disse que é muito conhecido no bairro e criou todos os filhos com o ofício.



O artesão José Clímaco mostra as sandálias de couro

## HISTÓRIA DO BAIRRO

- Na década de 60, o bairro Maria Ortiz começou a receber os primeiros moradores.
- Eles invadiam as áreas de manguezais e construíam palafitas na região.
- Na década de 70, começaram a ser instaladas as redes de distribuição de

água, além do sistema de energia elétrica.

- O nome do bairro foi uma homenagem à Maria Ortiz, jovem que jogou água fervendo sobre os invasores holandeses em uma escadaria no centro de Vitória.

Fonte: Moradores de Maria Ortiz.

## RECORDAÇÕES

**PESCA** - O pescador Manoel Silva Lima, 63, chegou ao bairro Maria Ortiz em 1975. Segundo ele, o local onde mora hoje era um manguezal na época.

"Eu lembro que a gente pescava e pegava caranguejo na região. Era tudo água e barracos".

Manoel disse, ainda, que lembra que a avenida principal do bairro era apenas uma estrada de chão.

"Quando cheguei, só existia energia elétrica na avenida principal, mas logo depois foi instalada em casa", contou.

Já a água, ele disse que as pessoas iam buscar em uma mangueira em Goiabeiras. Era tirada de um poço.



"O bairro começou a ser aterrado algum tempo depois. Vim do Paraná para cá e pesco desde os 9 anos. Hoje ainda faço redes de pesca e tarrafas sob encomenda", comentou.

**LIXÃO** - Há 40 anos, a aposentada Zuleica Silva Matos, 73, saiu de Minas Gerais para morar em Maria Ortiz. Na época, ela foi morar em um conjunto conhecido como Pombal, onde é, hoje, Solon Borges.

"A área de Maria Ortiz era de mangue e os moradores invadiam e construíam palafitas. Lembro que alguns não tinham condições de comprar tábuas e as pessoas passavam por cima de bancos de areia".

Segundo ela, na época o Conjunto Antônio Honório começava a ser construído e a região onde hoje é Maria Ortiz começou a receber lixo de vários lugares.

"O local era conhecido como 'Lixão de



Goiabeiras'. Depois de um tempo, é que a região foi aterrada".

Hoje, Zuleica tem orgulho da história do bairro e confessa que é apaixonada por Maria Ortiz.